

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?¹

Idete Zimmerman Bizzi², Porto Alegre

Decorridas várias décadas desde as suas publicações, os sentidos originais de alguns trabalhos psicanalíticos clássicos se perdem em meio às culturas contemporâneas e, eventualmente, fica escotomizada a conexão consciente entre a ideia e seu autor. Sabina Spielrein e Helene Deutsch, pioneiras, possuem em comum o fato de terem desenvolvido, a seu tempo, conceitos fundamentais à psicanálise, apesar de serem, atualmente, pouco lidas e estudadas. Spielrein, entre outras significativas contribuições, propõe, em 1912, a noção de pulsão destrutiva, fagulha inspiradora para Freud desenvolver a dualidade das pulsões em 1920. Deutsch, em 1926, dentre outras formulações originais, elabora o conceito de intuição e de distintas modalidades identificatórias na relação terapêutica, as quais contêm a essência da classificação contratransferencial desenvolvida por Racker na década de 1960, muito marcante na América Latina. Spielrein e Deutsch compartilham, sob vértices distintos, a compreensão da mente humana através de um viés dual, e enfatizam a primitiva interação entre sujeito e objeto, reeditada na transferência, podendo ser consideradas precursoras da abordagem intersubjetiva em psicanálise. A revisão do percurso pessoal e da produção psicanalítica dessas pioneiras, neste trabalho, pretende fazer jus à riqueza conceitual legada por ambas, além

¹ Versão ampliada, em português, do artigo *Pioneering women in psychoanalysis and their heritage: subjectivity and intersubjectivity*, apresentado no 51º Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA), Londres, julho de 2019.

² Psicanalista, membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).
<https://orcid.org/0000-0001-8246-0673>

Idete Zimerman Bizzi

de destacar a importância, em geral, da leitura dos trabalhos clássicos originais como salutar fonte de inspiração, em busca por coerência e veracidade científicas.

Palavras-chaves: História da psicanálise; Contratransferência; Intuição; Subjetividade; Intersubjetividade; Sabina Spielrein; Helene Deutsch

Introdução

Otto Maria Carpeaux (1999), em seu ensaio *O subconsciente e a realidade*, afirma que, no decurso da cultura humana, percebem-se motivações inconscientes grupais de ordem repressiva que explicam, de tempos em tempos, “o esquecimento e ressurgimento surpreendente de personalidades históricas e dos seus pensamentos” (p. 381). Após cento e vinte anos de evolução da psicanálise, as novas gerações de psicanalistas têm, à sua disposição, uma miríade de autores, desde os pioneiros até os contemporâneos, e variadas leituras conceituais, correspondentes a diversas filiações psicanalíticas: psicologia do Ego, relações objetais, psicologia do *self*, entre outras. Interpretações particulares de trabalhos clássicos abundam e priorizam focos diversos, de forma que, muitas vezes, o sentido original dos termos e conceitos se perde em meio ao ideário contemporâneo das instituições psicanalíticas. Não é pouco frequente o curioso fenômeno pelo qual ideias originais, cunhadas por determinados autores, são integradas à cultura grupal psicanalítica, como se tivessem existência atávica, restando escotomizada a conexão consciente e manifesta entre autor e sua obra.

O distanciamento cronológico da cunhagem dos conceitos é um dos fatores de imprecisão e alheamento dos significados originais propostos, o que torna os trabalhos pioneiros particularmente vulneráveis a esse processo. Diversamente, neste trabalho, eu me proponho a retomar dados biográficos e contribuições conceituais psicanalíticas de duas vozes femininas significativas do início do século XX, Sabina Spielrein e Helene Deutsch. Sob vértices distintos, ambas compartilham a compreensão da mente humana através de um viés dual, enfatizando a primitiva interação entre sujeito e objeto, que deixa poderosas marcas e forja o indivíduo adulto. O percurso das autoras é marcado por legados fundamentais ao pensamento psicanalítico: Spielrein propõe, em 1912, a noção de pulsão destrutiva, fagulha inspiradora para Freud desenvolver a dualidade das pulsões em 1920, e Deutsch, em 1926, propõe o conceito de intuição e de modalidades identificatórias que contêm a essência da clássica nomenclatura contratransferencial desenvolvida por

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?

Racker na década de 1960. Os escritos de Spielrein e de Deutsch não constam, habitualmente, como leitura curricular da formação analítica nos dias atuais, o que propõe questionamentos: o quanto a obra de cada uma justifica-se como original e consistente, e o quão importante é o conhecimento e o ensino de suas formulações teóricas?

Toda e qualquer leitura é permeada por algum viés pessoal do leitor, e minha proposta de revisão dos trabalhos originais das duas pioneiras não escapa à regra. Longe de pretender ser porta-voz da “verdade” última contida em seus trabalhos ou de seu real valor, é meu propósito fazer uma leitura possível, suficientemente justa, parafraseando Winnicott, propor algumas ideias pessoais e, principalmente, estimular as novas gerações de psicanalistas a lerem os trabalhos clássicos originais, em sua riqueza nascente.

O *debut* feminino no mundo da psicanálise: dados de história

A Sociedade Psicanalítica de Viena, instituição precursora de todas as Sociedades Psicanalíticas, foi fundada oficialmente em 1908, mas sua história remonta a 1902, quando Freud e um grupo de quatro médicos interessados em suas ideias decidem reunir-se semanalmente para discutir psicanálise e praticar, entre si, interpretações de seus próprios sonhos. Nasce, assim, a “Sociedade das Quartas Feiras”, espelhando a comunidade científica europeia de então: um universo basicamente masculino (Bronner, 2011).

Em 1910, transcorridos oito anos da formação do grupo pioneiro, a Sociedade de Viena recebe a primeira solicitação de adesão por parte de uma mulher. Margarethe Hilferding, uma das poucas mulheres médicas da época, é aceita na instituição, após extensa discussão sobre a participação feminina no grupo, e apresenta um trabalho intitulado *Sobre as bases do amor materno* a vinte psicanalistas homens, incluindo Freud. Alguns membros, na ocasião, posicionam-se radicalmente contra a admissão de mulheres, enquanto Freud, diversamente, encara o fato com algo que não traria maiores consequências (Bronner, 2011).

A história mostra que, longe de “não trazer maiores consequências”, como vaticina Freud, o ingresso feminino no universo da psicanálise introduz vértices teóricos e formulações terapêuticas originais. Bastante diversas entre si, as pioneiras da psicanálise compartilham o aporte de um enfoque mais pessoal, subjetivo e relacional da função analítica, que reflete, atualmente, a crescente abordagem intersubjetiva da psicanálise. Segundo Sayers, houve, com o passar do tempo, uma gradual transformação da teoria e prática da psicanálise, partindo

Idete Zimerman Bizzi

de um falocentrismo e patriarcalismo, e abrindo espaço à valorização de funções maternas, historicamente femininas: empatia, intuição, interação primitiva e continência (Sayers, 1991).

Assim como foi lenta e gradual a inclusão de membros femininos na comunidade psicanalítica, também as contribuições das primeiras mulheres obtiveram uma aceitação e valorização relativas em sua própria época, além de receberem pouca atenção dos biógrafos e historiadores da primeira metade do século XX. Algumas dessas mulheres, como Sabina Spielrein, ficaram praticamente à margem da história, e outras, como Helene Deutsch, restaram preteridas no meio acadêmico.

Sabina Spielrein: componente destrutivo da pulsão sexual

De origem russa e judia, Sabina é admitida, em 1904, aos 19 anos, na Clínica Psiquiátrica Burgholzli, em Zurique, aos cuidados do Dr. Carl Jung. Com diagnóstico de histeria, a jovem permanece 10 meses internada, durante os quais tem contato com o pensamento psicanalítico ainda incipiente na Europa. Participa de reuniões clínicas e teóricas, torna-se assistente da equipe médica, e, por ocasião de sua alta hospitalar, ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade de Zurique. Em Viena, 1911, encontra Freud pela primeira vez. O momento era de significativa turbulência, pois, um mês antes, a primeira mulher a integrar o grupo de Freud, Margarethe Hilferding, desligava-se da Sociedade Psicanalítica de Viena, juntamente com outros membros leais às ideias de Adler, em manifesta discórdia com Freud. Em meio à dissidência de parte do grupo, o ingresso de Sabina à Sociedade ocorre sem maiores resistências, diversamente do que ocorrera um ano e meio antes com Margarethe. Balsam (2015) sugere que uma das motivações de Freud para permitir a entrada de Sabina no grupo foi a chance de “espionar” e controlar Jung.

Em 1909, Freud toma conhecimento da existência da “estudante russa”, paciente de Jung que, segundo este, ameaçava-o com um iminente escândalo amoroso. Em carta a Freud, Jung admite um envolvimento afetivo, pedindo orientações sobre como manejar a questão (McGuire, 1974). Na correspondência entre Sabina e Jung, não se identificam indícios de que ela planejasse difamar seu terapeuta e colega (Lothane, 2015). O que se constata é uma longa e íntima interação, recheada de eroticidade, além de uma rica troca de ideias, de parte a parte, e formulações teóricas sobre psicologia. Não há um indicador definitivo sobre

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?

a concretização da relação sexual entre ambos, mas a história não deixa dúvidas quanto ao vínculo amoroso, constituindo uma transgressão ética (Balsam, 2015).

Sabina frequenta regularmente as reuniões da Sociedade de Viena, entre 1911 e 1912, por seis meses, e, a seguir, alterna períodos de prática e ensino da psicanálise na Alemanha, Suíça e Áustria (Ovcharenko, 1999). Mantém correspondência com Jung até 1919 e com Freud, no mínimo, até 1923 (Covington, 2015). Retorna à Rússia em 1923, onde vê seus irmãos e marido serem assassinados pelo regime stalinista. Na década de 30, quando a psicanálise é proibida em território russo, Sabina persiste em sua prática, pondo em risco a própria segurança. Em 1942, nos arredores de sua cidade natal, Rostov on Don, recém-invadida pela Alemanha nazista, Sabina e suas duas filhas são enfileiradas, juntamente com outros cidadãos judeus, e fuziladas em frente a uma vala.

Em seu primeiro ensaio psicanalítico, de 1912, *A destruição como origem do vir a ser*, Sabina descreve um componente destrutivo da pulsão sexual. Entende que, diversamente da pulsão de autopreservação, que não é ambivalente, a pulsão de preservação da espécie (pulsão sexual) é composta por uma tendência fusional e por uma tendência oposta, destrutiva. A autora parte da premissa de que tudo o que pré-existe necessita ser dissolvido para que algo novo possa emergir. Exemplifica tal afirmativa através de fenômenos naturais, por exemplo, uma gestante que vê suas formas e entranhas serem alteradas por um feto/bebê, novo, a se desenvolver, e encontra ocorrências símile na vida de fantasia subjacente aos vínculos humanos. Ao amar, argumenta Sabina, um indivíduo submerge no outro, e abre mão de uma cota de sua individualidade prévia. Desfaz-se o “eu” para dar espaço ao “nós”: “Onde reina o amor, o Ego, esse déspota tenebroso, morre. No estado de amar, a fusão do Ego no ser amado constitui-se na mais intensa afirmação do *self*, uma nova existência do Ego na pessoa do ser amado” (Spielrein, 1912/2015a, p. 201, tradução livre).

Sabina escreve com propriedade e coerência psicanalítica, e sua forma de expressão tem uma característica peculiar: denota um profundo idealismo pessoal, romantismo e afeto incontido. “Meu trabalho deve ser permeado com amor”, ela escreve em seu diário, em 1910 (Covington, 2015). Ao ler seus ensaios, tem-se a impressão de que Sabina inspira-se intensa e profundamente em suas vivências pessoais, particularmente em sua admiração, amor e ódio por Jung. Declara nas entrelinhas seu desejo de doação mútua, idealiza a transcendência e grandeza da intimidade amorosa, e, enfim, identifica em si a presença de uma destrutividade advinda da rejeição.

Em seus ensaios psicanalíticos, a Sabina mulher e a Sabina mãe em potencial sobressaem-se na escolha de terminologias alternativas às vigentes até então,

Idete Zimerman Bizzi

como, por exemplo, a formulação de “instinto de nutrição”, análogo ao instinto de autopreservação de Freud, mas que sutilmente posiciona a figura feminina, a mãe, como protagonista na cena interacional. Sabina reitera, em sintonia com a teoria freudiana, que o prazer erógeno adulto está conectado à sexualidade infantil, mas aponta que também tem raízes nas primeiras sensações prazerosas vinculadas à necessidade de nutrição, no que é original. Ela assinala que o bebê necessita e deseja ser nutrido, enquanto a mãe, por seu turno, necessita e deseja nutrir. As bases da intersubjetividade são aqui reconhecidas e destacadas. “Em todo amor, há que se distinguir entre duas orientações conceituais: a primeira – como se ama; a segunda – como se é amado” (Spielrein, 1912/2015a, p. 197, tradução livre).

A temática da simbolização, que permeia toda sua obra, também encontra, na autora, nomenclatura original. Sabina menciona, em 1912, experiências primitivas que deixam “impressões mães” no registro mental, e entende que toda e qualquer experiência do momento presente sofre a influência inconsciente dessas formatações primeiras, primitivas. Em sua concepção, a busca de símbolos, sob forma de palavras, é uma tentativa de se fazer compreender e comunicar, inerente a todo ser humano, a qual sempre envolve certo grau de modificação ou distorção do sentimento, ideia ou percepção originais:

O puramente pessoal não pode jamais ser compreendido por outros. Não nos surpreende que Nietzsche, um homem de poderosa autoconsciência, tenha concluído que o propósito da linguagem é confundir o eu e os demais. Assim, sentimos alívio em pronunciamentos em que forjamos uma imagem coletiva às custas da nossa imagem egoica. (Spielrein, 1912/2015a, p. 192, tradução livre)

Em 1913, Sabina escreve que a mulher, em comparação ao homem, “possui maior habilidade para se ‘identificar’ com os outros e, dessa forma, experienciar a própria vida através deles” (Spielrein, 1913/2015b, p. 217, tradução livre). Sugere que essa poderia ser uma característica feminina circunstancial, compensatória, devido à costumeira posição social de menos destaque e menos realização pessoal que a mulher ocupava na época, obrigando-a a buscar satisfação nos feitos dos homens ao seu redor. O desenrolar de seu raciocínio, porém, aponta em direção à probabilidade de que haja uma forte predisposição feminina à intuição, e de que a natureza instrumentalize a mãe para uma comunicação inconsciente e profundamente empática baseada em percepções não verbais com seu bebê.

A importância da comunicação intuitiva é aprofundada em *A origem das palavras infantis papa e mama*, em 1922. Nesse texto, Sabina discorre sobre a

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?

importância da relação do bebê com o seio. “Aqui, o bebê aprende, pela primeira vez, a amar, no mais amplo sentido da palavra (...)” (Spielrein, 1922/2015c, p. 247, tradução livre). De forma complementar, aponta que a sintonia empática e identificatória inconsciente da mãe, fundada em base sensoperceptiva, intuitiva e afetiva, molda a relação e o desenvolvimento da psique e linguagem do bebê, o qual, em essência, é um ser social, com inata e poderosa necessidade de se comunicar e ser compreendido:

(...) mães e cuidadores adaptam-se, instintivamente, aos tipos de linguagem que a criança está apta a produzir: eles mergulham perceptivamente na psique infantil, encontrando material nas profundezas da própria mente, em seus próprios estágios primitivos de desenvolvimento, e permitindo que isso fale à criança de forma inconsciente. (Spielrein, 1922/2015c, p. 235, tradução livre)

Soa profundamente moderna e de vanguarda a relevância que a autora dá à comunicação não verbal na relação primitiva entre mãe e bebê: “A linguagem da melodia, música, em sua mais primitiva forma ou ritmo e tom precede, em muito, a linguagem verbal” (Spielrein, 1922/2015c, pp. 233-234, tradução livre).

Mencionada por Freud em uma nota de rodapé em *Além do princípio de prazer* (1920/1966), Sabina entra para a história da psicanálise como a primeira analista a descrever a pulsão destrutiva voltada ao próprio Ego, em estado fusional com a libido, correspondendo ao “masoquismo primário” e à pulsão de morte (Freud, 1920/1966). Paradoxalmente, suas ideias e escritos, nos dias atuais, são pouco conhecidos e raramente citados. Alguns estudiosos da vida e obra de Sabina sugerem que ela não chegou a desenvolver um corpo teórico original, e que teria dependido da influência de Freud e Jung para escrever seus ensaios (Balsam, 2015). Outros, diversamente, entendem que suas contribuições são originais, pioneiras e historicamente negligenciadas (Wharton, 2015).

Helene Deutsch: intuição e as bases intersubjetivas da contratransferência

De origem polonesa, judia, socialista e ativista política, Deutsch foi pioneira na comunidade psicanalítica europeia ao propor um entendimento da sexualidade feminina diverso da visão patriarcal e falocêntrica que vigorava até então. Ela ingressa na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1918, sendo supervisionada e analisada por Freud durante um ano. Findo esse período, Freud interrompe o

Idete Zimmerman Bizzi

tratamento de Helene, alegando que ela não era neurótica e, além do mais, informa que necessitava do seu horário para oferecer ao Homem dos Lobos, fato que a deixa deveras desapontada (Alexander, Eisenstein, & Grotjahn, 1966). Em 1924, por recomendação de Freud, Helene permanece um ano na Alemanha, onde se analisa com Abraham. Fundadora e primeira diretora do Instituto Psicanalítico de Viena, em 1925, emigra para Boston em 1934, apesar dos protestos de Freud, onde exerce ampla influência no desenvolvimento da psicanálise (Deutsch, 1973).

Inserida na sociedade europeia patriarcal do início do século XX, Helene, um espírito curioso e empreendedor desde jovem, tem que protestar e lutar dentro de sua família e na comunidade para conquistar um espaço na Universidade de Viena. Gradua-se médica, psiquiatra e, mais tarde, psicanalista. Como Sabina Spielrein antes dela, seus casos clínicos são inovadores, propõem uma visão feminina de Ego e *self*, e são matizados por dados e percepções claramente autobiográficas (Roazen, 1981). Quarta filha e caçula, cresce em meio a conflitos marcantes com sua mãe, Regina, que, aparentemente, desejava dar à luz a um menino, e que, ao longo do tempo, mostra-se intolerante com a predileção da filha pelo dito universo masculino, intelectual e profissionalmente produtivo (Alexander, Eisenstein, & Grotjahn, 1966). Helene recusava-se a participar das lides habituais das moças, e encantava-se com a profissão do pai, um advogado eminente. Sofria com as punições físicas da mãe, sua frieza e distanciamento, e com a atitude passiva do pai, o qual, por vezes, se aliava à mãe nos boicotes à liberdade de Helene. Em suas palavras: “Meu ódio por minha mãe e horror de uma identificação com ela, meu amor perigoso por meu pai e as dificuldades de me identificar com ele (...)” (Deutsch, 1973, p. 85, tradução livre). Passou, também, pelo trauma de ter sido sexualmente abusada pelo irmão mais velho repetidas vezes (Sayers, 1991).

Em sua vida adulta, a feminilidade, a escolha de um parceiro e a maternidade lhe chegam recheadas de desencontros e ambivalências. Aos 16 anos, torna-se amante de Herman Lieberman, um ativista político proeminente, bem mais velho do que Helene, e casado. Engravida e sofre o primeiro de vários abortos. Imputa à natureza patológica e limitante dessa relação a responsabilidade por sua incapacidade de gerar um filho, já em clara valorização dos efeitos que o objeto externo pode ter sobre o sujeito. Rompe esta relação após alguns anos, e casa-se com Felix Deutsch, médico e psicanalista, com quem tem seu único filho, Martin. A experiência da maternidade lhe vem recheada de desejos e repugnâncias, dificuldade em amamentar e em abrir mão de seu espaço pessoal para dedicar-se ao filho, em clara revivescência de sua atribulada identificação e relação conflituosa com os próprios progenitores.

Partindo desse cubo de ensaio riquíssimo, em que as experiências pessoais

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?

instigam seu interesse científico e vice-versa, Helene propõe-se a falar do mundo feminino. Em 1925, ela edita *Psicanálise das funções sexuais das mulheres*, o primeiro livro da história da psicanálise dedicado à psicologia feminina (Sayers, 1991). As considerações teóricas acerca da sexualidade feminina, até então, eram, basicamente, a imagem especular das vicissitudes pulsionais e complexos sexuais masculinos. A partir de Helene, Édipo não é mais o protagonista absoluto da cena mitológica inconsciente. Jocasta entra em cena como personagem central, que determina rumos à história, e não apenas reage passivamente aos acontecimentos alheios à sua influência.

Em suas formulações, Helene inova, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, de forma subserviente, reitera a abordagem patriarcal clássica de Freud. Ela é, até hoje, duramente criticada por referir-se à sexualidade feminina utilizando terminologia fálica e por dar ênfase à preponderância do masoquismo no universo sexual feminino (Sayers, 1991; Roazen, 1981). Em seus escritos a respeito da feminilidade, estão constantemente em pauta três aspectos: masoquismo, passividade e ambivalência, que se referem à disposição ao auto-sacrifício, renúncia que subjaz o amor e a maternagem, e o importante conflito entre maternidade e erotismo (Deutsch, 1945). É de vanguarda a sua sugestão de que as vicissitudes sexuais da mulher, incluindo menstruação, perda da virgindade, maternidade, menopausa, não se pautam pelo complexo de castração, como na visão psicanalítica tradicional, mas são eventos que expõem as mulheres a poderosos conflitos entre o amor narcísico e objetal. Segundo Deutsch, a psique feminina contempla um fator que inexistente na psique masculina – o mundo psicológico da maternidade. Como resultado, a vida anímica feminina concebe maiores complexidades no que se refere à polaridade “entre vida e morte, entre instinto de autopreservação e função reprodutiva, além da interação entre sexualidade e maternidade” (Deutsch, 1945. p. 21, tradução livre).

Atenta à relevância das idiossincrasias próprias de cada analista e, em especial, das especificidades femininas no processo terapêutico, Deutsch escreve, em carta a seu marido, em referência ao atendimento de pacientes psicóticos: “(...) somente uma mulher pode compreender e ajudá-los. Esse é o aspecto mais maravilhoso da minha profissão – eu percebo o meu poder e eu sei do que sou capaz!” (Roazen, 1981, p. 140).

Penso que, para além de contribuições conceituais ao cabedal teórico psicanalítico, Helene inova ao oferecer uma mirada dos vínculos a partir do vértice da mulher. A mulher que é o primeiro objeto, que deixa uma marca indelével em sua prole, e que também está marcada pela própria mãe. Teria Regina, mãe de Helene, inscrito, em sua maternagem, a marca de seu próprio trauma e vivência precoce

Idete Zimmerman Bizzi

de indisponibilidade e ambivalência materna como filha, ao ter sido abandonada pela mãe (avó de Helene), no que poderia se constituir uma conflitiva feminina transgeracional? Ao falar do avô e avó maternos, Helene emprega palavras distantes e ressentidas: “Ela (sua mãe) era filha do avô Leizor, cuja personalidade repulsiva já foi mencionada, e de uma mulher que abandonou sua família precipitadamente para fugir com um amante” (Deutsch, 1973, p. 63, tradução livre). O nome da avó, omitido nessa passagem, parece denunciar um ressentimento indizível.

Independentemente da ocorrência de eventos traumáticos externos, Helene levanta a hipótese de que o mundo feminino contenha ambivalências e conflitivas diversas do mundo masculino, enquanto, à semelhança de Spielrein, injeta uma carga poderosa de afeto às suas ideias, em uma postura auto-expositória e autêntica (Roazen, 1981). Excessivamente autêntica, diriam alguns. Autêntica em sua dificuldade em ser autêntica, diriam outros (Sayers, 1991).

Deutsch, ao longo da vida, ressentiu-se por ser apontada como especialista em assuntos femininos, o que entendia ser um reducionismo (Sayers, 1991). O escopo de seus estudos e produções científicas é, de fato, mais amplo, marcante e pioneiro em diversos conceitos caros à psicanálise, tais como transtornos limítrofes, relação interpessoal, intuição, contratransferência. Antecipando a atenção dedicada aos casos limítrofes ou *borderline* no final do século XX, Helene cunha o termo “personalidade como se” para se referir a pacientes cujo funcionamento aparentemente neurótico mantém aspectos psicóticos escondidos e controlados às custas de próteses identificatórias, no que mais tarde foi seguida por Winnicott nas formulações sobre “falso *self*”. Convida, também, seus leitores a refletirem sobre as bases inconscientes pré-edípicas da empatia, e sobre as fraturas na estruturação da personalidade que podem advir de vivências precoces insuficientes com os objetos primários (Deutsch, 1934a).

Em sua prática analítica, sensível às manifestações mais regressivas dos pacientes, e permeável às próprias oscilações frente aos mesmos, Helene descreve a magnitude da comunicação inconsciente entre paciente e analista, guiada por intensos afetos, similar, em sua visão, à fina sintonia entre mãe e bebê. Em *Processos ocultos durante a psicanálise*, a autora alça a capacidade de intuição a força motriz da íntima comunicação da díade analítica. Além das palavras e dos atos mapeáveis conscientemente na comunicação, ela sugere que, por vias inconscientes, em cadeias de associativas dificilmente rastreáveis, os restos mnêmicos investidos de afeto do Ego infantil do paciente chegam ao inconsciente do analista, onde são acolhidos como se fossem primários, acionando restos mnêmicos do Ego infantil do analista e gerando um processo de identificação. A tomada de consciência e

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?

a capacidade de pensar sobre o material psíquico envolvido, destaca Deutsch, são sempre subsequentes ao primeiro momento de “recepção passiva”. “Esse intuitivo ‘pôr-se no lugar’ do paciente é um saber no analista que se sobressai à própria consciência e flui desde fontes inconscientes: somente *a posteriori* o saber consciente domina as forças intuitivas e as faz alcançáveis” (Deutsch, 1926/1996, p. 508, tradução livre).

A capacidade do analista em manter uma atitude intuitiva, ou seja, sua disponibilidade para vivenciar a realidade interna do objeto via identificação, só é possível, segundo a autora, pelo fato de ambos compartilharem vias análogas de desenvolvimento psíquico.

(...) a estrutura psíquica do analista é um produto de vias de desenvolvimento análogas às dos pacientes. Seu inconsciente contém os mesmos impulsos e desejos infantis, e a recepção intuitiva representaria um refrescar das marcas mnêmicas deixadas por tais tendências superadas. (Deutsch, 1926/1996, p. 509, tradução livre)

Segundo a autora, a “atitude intuitiva” do analista, identificado com os afetos do paciente, equivale a um reviver de experiências do próprio sujeito, um percorrer de vias mnêmicas e desejos infantis adormecidos. Segmentos do Ego do analista são catexizados em resposta às catexias infantis egoicas do paciente revividas na transferência. Para Deutsch, esse processo inconsciente, fundamental à função terapêutica, compõe uma parcela da contratransferência. Conforme suas ideias, um segundo mecanismo inconsciente, de identificação com os objetos internos do paciente, concomitante ou ulterior ao primeiro, complementa a configuração contratransferencial. O analista, pressionado pela demanda libidinal infantil do paciente, identifica-se com a função de determinados objetos originais do paciente. Para realizar tal tarefa, segundo Deutsch, o analista deve ser capaz, também de forma inconsciente, de abrir mão de seus caminhos anímicos originais, ou seja, das fantasias que seriam naturalmente acionadas por circunstâncias semelhantes em sua vida pessoal, e deixar-se levar pelas configurações objetivas inconscientes propostas pelo paciente, no que a autora chama de “disposição complementar” (Deutsch, 1926/1996). Na relação terapêutica, o bom manejo da identificação complementar, assinala a autora, requer que o analista elabore fixações libidinais pessoais ou identificações com objetos internos do paciente que gratifiquem demasiadamente seus próprios desejos inconscientes, as quais tendem a se manter rígidas, impedindo novas configurações transferenciais. Segundo Helene, os dois

Idete Zimmerman Bizzi

tipos de identificação, quais sejam, a identificação com o Ego infantil do paciente e a identificação com os objetos de desejo do paciente (“disposição complementar”), constituem a contratransferência.

A tarefa do analista também consiste em renunciar à disposição inconsciente de sua personalidade real, de forma a se tornar apto a identificar-se com o imaginário do paciente compatível com suas fantasias transferenciais. Denomino esse processo “disposição complementar”, para diferenciá-lo da identificação com o Ego infantil do paciente. Apenas a combinação de ambas as identificações constitui a essência da “contratransferência” inconsciente. (Deutsch, 1926/1996, p. 509, tradução livre)

Em mais uma demonstração de fina e pioneira percepção, Helene frisa que a intuição ocorre de parte a parte na interação analítica. O objeto interno de cada um é vivenciado, por identificação, pelo outro, em seu próprio mundo interno. Também o paciente, à revelia do desejo do terapeuta, tem relevante percepção intuitiva dos conteúdos mentais do analista. “Esse processo de reviver restos mnêmicos do conteúdo anímico próprio também permite a vivência do paciente acerca das percepções internas do analista” (Deutsch, 1926/1996, p. 509, tradução livre).

Antecipando Paula Heimann e Heinrich Racker em algumas décadas, Helene enfatiza que a utilização e o adequado domínio da contratransferência com propósito terapêutico estão entre os deveres mais importantes do psicanalista (Deutsch, 1926/1996, p. 509). Na década de 1960, na Argentina, Racker, que convivera com as ideias de Helene Deutsch em Viena, no período pré-guerra, propõe uma classificação teórico-clínica para a contratransferência, na qual reitera os dois caminhos identificatórios descritos por Deutsch na década de 1920, creditando a ela o uso do termo “complementar”. Segundo esse autor, e em sintonia com as ideias de Deutsch, guiado pela contratransferência concordante (ou homóloga), o analista é capaz de sentir e compreender aquilo que o paciente sente. Paralelamente, pressionado pela busca de satisfação libidinal imposta pelo sujeito, na interação analítica, o objeto (analista) tende a responder com uma identificação inconsciente com algum ou alguns objetos internos do paciente, o que equivale à contratransferência complementar. Racker reitera que a capacidade de percepção consciente e o grau de familiaridade que o analista adquire em relação às duas vias contratransferenciais descritas determinarão a vitalidade do processo terapêutico (Racker, 1953/1982). Etchegoyen, na década de 1980, ao se referir às classes de contratransferência em questão, desempenhando um importante papel na difusão

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?

desses conceitos na América Latina, afirma que “as identificações concordantes são em geral empáticas e expressam a compreensão do analista, e sua contratransferência complementar implica uma maior quantidade de conflito” (Etchegoyen, 1987, p. 149). Tal afirmativa, embora literalmente justa, a meu ver favoreceu uma leitura dicotômica da classificação, como se um subtipo de contratransferência fosse o mais saudável, preferível, e o outro indesejável, a ser evitado. Essa compreensão, bastante comum, parece-me equivocada e em discordância com a proposta original, em que as duas modalidades contratransferenciais constituem passos complementares e muitas vezes concomitantes de um mesmo processo.

Deutsch, assim como Racker, insiste no fato de que há uma inevitável e natural predisposição pessoal que intervém no estabelecimento da contratransferência de cada analista, e, partindo dessa premissa, sublinha que o analista precisa desenvolver uma capacidade para abdicar de tendências inconscientes pré-existentes de sua subjetividade na interação analítica, como forma de garantir livre mobilidade libidinal e disponibilidade inconsciente para receber novas “funções”, na interação analítica.

O tratamento analítico como encontro entre duas humanidades

A linha comum entre as contribuições psicanalíticas de Sabina e Helene assenta-se na vida anímica primitiva, forjada na interação mãe/bebê e reeditada na relação analítica. O período pré-edípico é o palco eleito por ambas as pioneiras em suas formulações teóricas e reflexões terapêuticas, em que o terapeuta em cena, como ocorre com toda e qualquer mãe em interação com seu bebê, possui uma identidade pessoal única, e estabelece significativa e poderosa comunicação inconsciente com o paciente.

Nas linhas e entrelinhas dos escritos de Sabina, destaca-se a relevância dada à intimidade na interação humana e terapêutica: o desejo de doação e altruísmo inerente ao indivíduo versus a subjacente ameaça de (auto) aniquilação. Um século depois, Ogden (2016) afirmará, de forma contundente, que as conversas que estabelece com seus pacientes, em tratamento, estão entre suas vivências pessoais de maior intimidade. Valorizada, desejada contemporaneamente, dentro de limites éticos, nem sempre a intimidade flui naturalmente e livre de resistências, por parte do analista. A formulação de Sabina, de que as transformações e novas configurações psíquicas acarretam a destruição da forma original, pode ser aplicada à relação transferencial/contratransferencial, levantando a questão: em que medida

Idete Zimmerman Bizzi

o (a) analista, em sua *rêverie*, permite ou resiste, deseja ou teme a fusão de sua psique à de seu (sua) paciente? Deixar-se penetrar e ser destruído a fim de vir a ser talvez seja a via régia para o aprofundamento de qualquer análise, bilateralmente, em um processo que encerra beleza e ameaça, Eros e Tanatos.

Dentre as contribuições de Helene, destaca-se o conceito de intuição, base inconsciente para a empatia. Derivada do latim, o prefixo *In* indica origem interna, e *Tuition* refere-se à visão. A visão que brota de um prisma interno, íntimo e pessoal, constitui atributo essencial de qualquer analista em seu trabalho de compreender e conter as ansiedades primitivas de seus pacientes, e estabelece diretrizes parcialmente inconscientes, para o terapeuta, de como proceder com o trabalho analítico interpretativo: com mais ou menos vagar, com mais ou menos aprofundamento, com mais ou menos verbalização. Uma das funções do terapeuta é fazer um rastreamento silencioso das capacidades psíquicas do paciente e, como mãe cuidadosa, baseada em sua intuição, perceber quando e como abordar as áreas mais sensíveis e dolorosas da experiência do paciente.

Essas são contribuições fundamentais que, coincidentemente ou não, foram desenvolvidas por psicanalistas mulheres, nos anos 1920 e 1930, e que agregaram um vértice alternativo e complementar ao positivismo e objetividade preponderantes na psicanálise em seus primórdios. Se é justificado falar em “sensibilidade feminina”, como propõem Spielrein e Deutsch em alguns de seus escritos, de forma que as mulheres sejam mais bem equipadas, por sua natureza biológica ou psicossocial, a se identificar, sintonizar mais profundamente, e empatizar com as necessidades de seus pacientes, essa é uma questão a ser estudada e pesquisada com o devido rigor pela comunidade científica.

Sabina e Helene, de forma pioneira, introduzem a noção da natureza profundamente humana da interação analítica, que, em décadas subsequentes, recebe atenção aprofundada de Winnicott e Bion. Ambos salientam que, na interação primitiva mãe/bebê, bem como na interação íntima entre analista e paciente, há a participação de objetos reais, paralelamente à intrincada rede de identificações de objetos internos (Winnicott, 1968/1975; Bion, 1978/1992). Contemporaneamente, Ogden (2016), Bolognini (2003), Ferro (1997) e Bollas (1992) dão destaque à participação da pessoa real do analista na construção da relação transferencial/contratransferencial, em que a subjetividade de cada analista em particular, além de instrumento para o procedimento analítico, é também elemento constituinte do vínculo analítico.

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?

Conclusão

A evolução da teoria e da técnica psicanalítica, em seus mais de cem anos de história, coloca em evidência a valorização crescente das vivências primitivas e dos aspectos inconscientes tanto do paciente quanto do analista na construção da interação terapêutica. Lidas à luz do momento presente, as obras de Spielrein e de Deutsch ecoam com renovada fertilidade e modernidade. Em uso de sua subjetividade, o analista contemporâneo valoriza a qualidade do processo analítico, além do conteúdo psíquico trabalhado; empresta ao paciente sua capacidade negativa, tolerância, continência, empatia, características que estão profundamente enraizadas na pessoa real, autêntica, que é o analista. Como uma mãe suficientemente boa, porquanto intuitiva, o analista trabalha a partir de uma posição intermediária entre o saber e o sentir, entre o escutar ao outro e escutar a si, entre interpretar e conversar, entre ser e vir a ser junto com seu paciente.

Da mesma forma, na construção do seu edifício teórico, e no contínuo aprendizado pessoal de cada analista, faz-se fundamental o olhar crítico necessário para se discernir o que, de fato, escreveram os autores clássicos do que “conta a lenda” que disseram. Nesse sentido, a leitura e a releitura dos trabalhos originais, de tempos em tempos, é salutar como fonte de inspiração e, principalmente, na busca por coerência e veracidade científicas. □

Abstract

Primitive mental life and subjectivity: what have pioneers Spielrein and Deutsch actually said?

Several decades after the publication of some classical psychoanalytic studies, their original meaning gets lost in contemporary cultures and the conscious connection between original idea and author is often scotomized. Pioneers Sabina Spielrein and Helene Deutsch have both developed fundamental concepts of psychoanalysis in their time and are currently poorly read and studied. Among some other significant contributions, in 1912 Spielrein puts forward the notion of destructive drive, an inspiring spark for Freud to develop the duality of drives, in 1920. In 1926, among other original formulations, Deutsch develops the concept of intuition and identificatory modalities in therapeutic relations, which contains the essence of Racker's countertransference classification, designed in the 1960s, greatly remarkable in Latin America. In this study, the author points out that both psychoanalysts share — under different angles — an understanding of the human

Idete Zimmerman Bizzi

mind through a dual bias, emphasizing the primitive interaction between subject and object, rearranged in transference, which is why she regards them as the originators of intersubjectivity. A review of these pioneers' personal journey and psychoanalytic production intends to do justice to the conceptual legacy they both bequeathed and to underline the overall importance of reading original classical studies as a salutary source of inspiration in the pursuit of scientific consistency and accuracy.

Keywords: History of psychoanalysis; Countertransference; Intuition; Subjectivity; Intersubjectivity; Sabina Spielrein; Helene Deutsch

Resumen

Vida anímica primitiva y subjetividad: ¿qué dijeron realmente las pioneras Spielrein y Deutsch?

Transcurridas varias décadas desde sus publicaciones, el sentido original de algunos trabajos psicoanalíticos clásicos se pierde en medio a las culturas contemporáneas y, eventualmente, permanece escotomizada la conexión consciente entre la idea original y su autor. Sabina Spielrein y Helene Deutsch, pioneras, tienen en común el hecho de haber desarrollado conceptos fundamentales al psicoanálisis, a su tiempo, y ser, actualmente, poco leídas y estudiadas. Spielrein, entre otras significativas contribuciones, propone, en 1912 la noción de pulsión destructiva, chispa inspiradora para que Freud desarrollara la dualidad de las pulsiones, en 1920. Deutsch, en 1926, en medio a otras formulaciones originales, desarrolla el concepto de intuición y modalidades identificatorias en la relación terapéutica, las cuales contienen la esencia de la clasificación contra-transferencial desarrollada por Racker en la década de 1960, muy distintivo en América Latina. En este trabajo, la autora destaca que ambas psicoanalistas comparten, bajo vértices distintos, la comprensión de la mente humana a través de un sesgo dual y enfatizan la primitiva interacción entre sujeto y objeto, reeditada en la transferencia, en lo que las considera precursoras de la intersubjetividad. La revisión del recorrido personal y de la producción psicoanalítica de esas pioneras pretende hacer justo a la riqueza conceptual que ambas legaron, además de destacar la importancia, en general, de la lectura de los trabajos clásicos originales, como conveniente fuente de inspiración, y en busca por coherencia y veracidad científicas.

Palabras clave: Historia del psicoanálisis; Contratransferencia; Intuición; Subjetividad; Intersubjetividad; Sabina Spielrein; Helene Deutsch

Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?

Referências

- Alexander, F., Eisenstein, S., & Grotjahn, M. (1966). *A história da psicanálise através dos seus pioneiros*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1981.
- Balsam, R.H. (2015). Sabina Spielrein in Vienna, 1911-1912: muse and nemesis. In Sabina Spielrein. *Forgotten pionner of psychoanalysis* (pp. 172-184). London: Routledge.
- Bion, W.R. (1992). *Conversando com Bion: quatro discussões com W. R. Bion, Bion em Nova Iorque e em São Paulo*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1978)
- Bollas, C. (1992). *Forças do destino: psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bolognini, S. (2003). *Psychoanalytic empathy*. London: Free Association, 2004.
- Bronner, A. (2011). The three histories of the Vienna Psychoanalytical Society. In P. Loewenberg (Ed.). *100 Years of the IPA: The centenary history of the International Psychoanalytical Association 1910-2010, evolution and change* (pp. 9-24). London: Karnac.
- Carpeaux, O.M. (1999). *Ensaio reunidos*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Univer Cidade
- Covington, C. (2015). Introduction. In Sabina Spielrein. *Forgotten pionner of psychoanalysis* (pp. 1-13). London: Routledge.
- Deutsch, H. (1934a). Clinical and theoretical aspects of “As If” characters. In *The therapeutic process, the self, and female psychology: collected psychoanalytic papers* (pp. 215-220). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Deutsch, H. (1934b). On a type of pseudo-affectivity. In *The therapeutic process, the self, and female psychology: collected psychoanalytic papers* (pp.193-207). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Deutsch, H. (1945). *Psychology of women* (Vol. 2). Nova Iorque: Grune & Stratton.
- Deutsch, H. (1973). *Confrontations with myself*. New York: W. W. Norton & Company.
- Deutsch, H. (1996). Procesos ocultos durante el psicoanálisis. *Revista de Psicoanálisis*, 53: 505-518. (Trabalho original publicado em 1926)
- Etchegoyen. R.H. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferro, A. (1997). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- Freud, S. (1966). Beyond the pleasure principle. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 7-64). London: Hogarth, 1966. (Trabalho original publicado em 1920)
- Lothane, Z. (2015). Tender love and transference: unpublished letters of C. G. Jung and Sabina Spielrein (with an addendum/discussion. In Sabina Spielrein. *Forgotten pionner of psychoanalysis* (pp. 126-157). London: Routledge.
- McGuire, W. (1974). *The Freud/Jung letters*. Princeton: Princeton University Press.
- Ogden, T.H. (2016). *Reclaiming unlive life*. London: Routledge.
- Ovcharenko, V. (1999). Love, psychoanalysis and destruction. *Journal of Analytical Psychology*, 44, 355-373.

Idete Zimmerman Bizzi

- Racker, H. (1982). Os significados e usos da contratransferência. In *Estudos sobre técnica psicanalítica* (pp. 120-157). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1953)
- Roazen, P. (1981). Introduction of “Two cases of induced insanity”. *Int. J. Psycho-anal.* 62: 139-145.
- Sayers, J. (1991). *Mothers of psychoanalysis*. New York: W Norton & Company.
- Spielrein, S. (2015a). Destruction as the cause of coming into being. In *Forgotten pionner of psychoanalysis* (pp. 185-212). London: Routledge. (Trabalho original publicado em 1912)
- Spielrein, S. (2015b). Three psychoanalytical studies. In *Forgotten pionner of psychoanalysis* (pp. 213-220). London: Routledge. (Trabalho original publicado em 1913)
- Spielrein, S. (2015c). The origin of the child’s words pappa and mama. Some observations on the different stages in language development. In *Forgotten Pionner of Psychoanalysis* (pp. 233-248). London: Routledge. (Trabalho original publicado em 1922)
- Wharton, B. (2015). Comment on Spielrein’s Paper “The origin of the child’s words papa and ama”. In Sabina Spielrein. *Forgotten pionner of psychoanalysis* (pp. 249-250). London: Routledge.
- Winnicott, D.W. (1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)

Recebido em 25/10/2019

Aceito em 04/12/2019

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler**

Idete Zimmerman Bizzi

Av. Independência, 925/1310

90035-076 – Porto Alegre – RS – Brasil

idetezbizzi@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA